

## MEMÓRIA: UMA PONTE ENTRE O PASSADO E O PRESENTE NAS HISTÓRIAS DE VIDA DE UM GRUPO DE IMIGRANTES ALEMÃES

Sidney de Souza SILVA - IFGo – Campus Morrinhos e Heloísa Augusta Brito de MELLO - UFGO

### Introdução

Na história brasileira, os imigrantes, ao lado dos indígenas, dos africanos e do colonizador português, tiveram um papel importante na constituição étnica e cultural do povo. No período dos grandes movimentos imigratórios, o contingente europeu e asiático introduzido no Brasil entre 1886 e 1930 é avaliado em 5 milhões de pessoas, distribuídos entre 1,7 milhão de imigrantes portugueses, 1,6 milhão de italianos, 700 mil espanhóis, 250 mil alemães, 230 mil japoneses e outros contingentes menores de etnias diversas (RIBEIRO, 2006). Embora concentrados em maior número nas regiões sulinas, os imigrantes e seus remanescentes encontram-se espalhados por todo o território brasileiro. Junto trouxeram suas línguas de origem, seus hábitos, seus costumes, sua cultura, imprimindo uma nova fisionomia à sociedade e à cultura nacional. Conquanto relevante na constituição da história e da cultura brasileira, os imigrantes não tiveram êxito na imposição de suas línguas, ficando a maioria delas confinadas em suas respectivas comunidades e, ainda assim, restritas a determinados domínios de uso. Desses processos imigratórios surgiram situações de contato linguístico que resultaram em mudanças nos usos e funções das línguas, levando a diferentes momentos de bilinguismo na comunidade e graus de competência de seus falantes, a exemplo da comunidade objeto deste estudo.

Com o intuito de observar um desses contextos de imigração, focalizamos neste estudo recortes da história de um grupo de imigrantes de origem alemã que por volta de 1924 se instalou às margens do rio Uvã, a 50 quilômetros da Cidade de Goiás, antiga capital do Estado de Goiás. Com base nos conceitos de memória-hábito *versus* memória-lembrança e de memória individual *versus* coletiva (POLLAK, 1989; BOSI, 1994; HALBWACHS, 2004), buscamos (re)construir a trajetória desses imigrantes com o propósito de identificar o lugar que a língua alemã ocupa hoje na comunidade, outrora falada em praticamente todos os domínios sociais bem como os fatores que contribuíram para o seu deslocamento na comunidade .

O artigo está dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais. Na primeira parte, apresentamos a comunidade que serviu de cenário para este estudo e traçamos os caminhos que nos permitiram gerar os dados; na segunda, discutimos os conceitos de memória – memória-hábito *versus* memória-lembrança e memória individual *versus* memória coletiva (POLLAK, 1989; BOSI, 1994; HALBWACHS, 2004, entre outros). Por fim, na terceira parte apresentamos recortes das histórias de vida dos participantes com o intuito de estabelecer, a partir das memórias individual e coletiva do grupo, uma relação entre o contexto sociohistórico e os fatores que contribuíram para o status atual da língua alemã na comunidade.

## **1 O contexto e a orientação metodológica**

### **1.1 A Colônia do Rio Uvá**

A Colônia do Rio Uvá era composta inicialmente por 97 famílias de imigrantes oriundas de diversas regiões da Alemanha tais como a Renânia, a Pomerânia, o Marco de Brandeburgo e a Prússia Oriental. Motivados pelo agravamento da crise econômica que atingiu a Europa logo após a 1ª Guerra Mundial e pelas vantagens oferecidas pelo governo brasileiro aos imigrantes europeus naquela época, os alemães que aqui chegaram em 1924 esperavam encontrar em terras goianas melhores condições de vida em face da situação de empobrecimento em que se encontravam na Alemanha. Para esses alemães, a oferta do governo de Goiás parecia ser a opção ideal. Além de terras gratuitas, cerca de 10 a 50 hectares para cada casal de imigrantes, o governo do Estado prometia conceder ajuda para construção de moradias, aquisição de sementes e instrumentos destinados à lavoura, bem como assistência médica e alimentação. Com esta iniciativa, além de atender às necessidades dos imigrantes, as autoridades goianas esperavam dar início ao tão almejado projeto de colonização e ao mesmo tempo minimizar a dificuldade que a então Diretoria de Povoamento enfrentava para assentar em terras devolutas a grande quantidade de imigrantes que aguardava acomodação no Brasil (BRITO, 1992).

Como veremos, esse cenário promissor logo se esvaneceu diante das inúmeras dificuldades. Após uma viagem exaustiva de navio da Europa até o Rio de

Janeiro, seguida de trem até Goiás e de modo improvisado até a cidade de Goiás, em alguns casos a pé e de carro de bois, os imigrantes receberam a notícia de que ainda não havia um local definido para a imediata instalação do grupo recém-chegado. Foram, então, alojados provisoriamente na Chácara do Areião e só algum tempo depois, o governo do Estado destinou uma região de terras devolutas às margens do rio Uvã para a implantação do núcleo colonial.

Atualmente, a localidade é composta por pequenas propriedades rurais e está voltada para a pecuária e a agricultura de subsistência. A sua população é estimada em aproximadamente 300 pessoas, sendo que destes, apenas alguns são alemães ou os seus descendentes, e os demais brasileiros que pouco a pouco foram se estabelecendo na região.

## 1.2 Os participantes

O estudo contou com a participação de 12 indivíduos remanescentes da colonização e de seus descendentes que gentilmente se dispuseram a nos narrar suas histórias acerca da formação da colônia e do contato entre as línguas e culturas alemã e brasileira no local. Utilizando a técnica da “bola de neve” (MARGOLIS, 1993 *apud* FREITAS, 2003)<sup>1</sup>, foram contatados 4 indivíduos da 1ª geração, nascidos na Alemanha e que vieram para o Brasil naquela época, e 8 indivíduos da 2ª geração, filhos de alemães, mas nascidos já no Brasil.

## 1.3 A orientação metodológica

Considerando que o indivíduo é um ser social que não se desvincula do seu contexto social imediato, optamos por uma orientação metodológica que priorizasse as histórias de vida dos participantes na expectativa de poder registrar aspectos relevantes da sua sociedade tais como comportamentos culturais e linguísticos, valores e ideologias. Acreditávamos que dando voz aos participantes, sobretudo, às pessoas idosas que se valem de suas memórias para relatar suas experiências

---

<sup>1</sup> Essa técnica consiste em fazer uso da própria rede de parentes, amigos e conhecidos dos participantes na configuração do *corpus*. O principal procedimento é buscar as indicações feitas pelos primeiros participantes, que, na medida em que vão sendo entrevistados, passam a indicar outros possíveis participantes, que por sua vez, indicam outros mais e, assim, sucessivamente, até a dilatação ideal do número de indivíduos ligados à área de interesse.

vividas, poderíamos reconstruir da trajetória da língua alemã na comunidade em termos de usos e funções.

Desse modo, seguindo os pressupostos metodológicos de histórias de vida (QUEIROZ, 1988; THOMPSON, 1992; POIRIER, CLAPIER-VALLADON e RAYBAUT, 1999), demos início ao registro de dados por meio de entrevistas e conversas informais com os participantes da pesquisa, entre outros instrumentos, na expectativa de poder compreender os processos de manutenção, deslocamento ou perda da língua alemã na comunidade, bem como identificar os fatores que influenciaram esses processos. O trabalho com base em fontes orais mostra-se eficaz para investigar grupos minorizados, como os de imigrantes, visto que estes costumam preservar a sua própria tradição oral, por meio da qual é possível estudar o seu passado e presente, especialmente quando se tratam de idosos, verdadeiros “guardiões do passado”.

Logo percebemos que à medida que as histórias de vida eram narradas, passado e presente se sobrepunham a todo o momento, desvelando fatos registrados e evocados individual e coletivamente na memória do grupo. Com o intuito de compreender esse movimento entre passado e presente, recorreremos aos conceitos de memória sustentados por (POLLAK, 1989; BOSI, 1994; HALBWACHS, 2004, entre outros). Esse é o tema da discussão na seção seguinte.

## **2 Memória: um fenômeno de natureza complexa**

A memória é um fenômeno de natureza complexa, cujos estudos não se limitam a um único campo do saber. No campo da psicologia e da psicanálise, a memória é entendida como uma espécie de sumário interpretativo de nossas experiências passadas que permite manipular e compreender o mundo à nossa volta, recriando-o por meio de ações da imaginação, com a diferença de que para a teoria psicanalítica, o mais importante nem sempre é o que pode ser lembrado, mas justamente o que se pode esquecer. Na perspectiva das neurociências, a memória é interpretada como uma função mental biológica cujo papel central é o armazenamento e o processamento de informações no sistema nervoso humano. A psicolinguística, por sua vez, como uma área de estudo que se ocupa da organização e da percepção dos processos mentais envolvidos na aquisição, na produção e na compreensão da linguagem, também está ligada à memória no que

diz respeito aos mecanismos de armazenamento e processamento de informações – memória de curto-prazo e memória de longo-prazo; nesse sentido, o termo “memória” aparece como elemento constituinte e como condição para o entendimento do processamento da linguagem (CRUZ, 2004). No campo da antropologia, da história e da sociologia, a memória, grosso modo, é vista como uma construção de referenciais sobre o passado e o presente de diferentes grupos sociais ancorados nos costumes, nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais<sup>2</sup>.

Este estudo coaduna-se com essa última perspectiva, sobretudo no que diz respeito à relação entre memória e grupo social. Nesse sentido, a partir de uma visão sociocultural, buscamos mostrar como a língua alemã outrora falada na comunidade foi pouco a pouco deslocada pelo português, passando a existir apenas na memória coletiva do grupo como uma língua herdada, mas não necessariamente em uso.

## **2.1 A memória na perspectiva dos estudos socioculturais**

### **2.1.1 Memória-hábito *versus* memória-lembrança**

Os estudos socioculturais distinguem entre memória-hábito e memória-lembrança. A primeira diz respeito à capacidade do indivíduo de guardar esquemas de comportamento apreendidos ao longo de sua existência e dos quais se vale automaticamente em suas ações sobre as coisas. É a memória dos mecanismos motores. A segunda refere-se às memórias independentes de quaisquer hábitos. São lembranças isoladas, singulares, que, segundo Bosi (1994, p. 48), constituem-se em “autênticas ressurreições do passado” (BOSI, 2004).

A memória-hábito é adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição de comportamentos. Trata-se, portanto, de um exercício que, retomado até a fixação, transforma-se num hábito ou num serviço para a vida cotidiana. É graças a esse serviço desempenhado pela memória-hábito que o indivíduo sabe “de cor” os movimentos exigidos para comer segundo as regras da etiqueta, escrever a mão ou digitar um texto em um teclado, dirigir um automóvel ou andar de bicicleta, costurar,

---

<sup>2</sup> [www.comciencia.br/reportagens/memoria](http://www.comciencia.br/reportagens/memoria) . Memória é matéria prima do trabalho do historiador. Acesso em 21.07.2008.

usar o computador e assim por diante. Assim, “a memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural” (BOSI, 1994, p. 49).

A memória-lembrança, por outro lado, é responsável pela capacidade do indivíduo de se lembrar de um momento único e irreversível em sua vida, cujo aparecimento na memória não tem caráter mecânico, mas sim evocativo. “A imagem-lembrança [evocada pela memória] tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia” (BOSI, 1994, p. 49). Ainda a respeito da faculdade de lembrar, Bosi ressalta que:

[...] lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto das representações que povoam nossa consciência atual (BOSI, 1994, p. 55).

Assim, a narração da própria vida é, segundo o autor, o testemunho mais eloquente dos modos que o indivíduo possui para se lembrar, é a reconstrução dos fatos vividos individual ou coletivamente, é a expressão vívida da memória, ou melhor, é a própria memória.

### **2.1.2 Memória individual versus memória coletiva**

Outra discussão, ainda no plano da memória, diz respeito à distinção entre memória coletiva e memória individual, postulada por Maurice Halbwachs, pensador e sociólogo francês. Seu estudo *A memória coletiva*, publicado postumamente em 1950, tornou-se um texto clássico sobre memória em âmbito social. O termo “memória coletiva” surgiu num período em que a memória era vista apenas no plano individual, como na literatura de Proust ou na psicanálise de Freud (DOUEK, 2003). Halbwachs também usa as expressões memória pessoal e memória autobiográfica para se referir à memória individual e memória social ou memória histórica para memória coletiva.

A memória autobiográfica é a memória dos fatos vividos, das coisas que lembramos e presenciamos (HALBWACHS, 2004). A memória histórica, ao contrário, extrapola o indivíduo, incorporando informações sobre o mundo à nossa volta. São fatos e coisas que ainda nos lembramos, mas não necessariamente vivenciamos. Para o autor, a memória histórica perpassa completamente a memória autobiográfica na medida em que constitui uma espécie de enquadre social para o

funcionamento da memória individual, criando um contexto social para que o indivíduo se recorde de fatos e coisas particulares do seu próprio passado.

Assim, pode-se dizer que o indivíduo dispõe de duas espécies de memória, uma individual e outra coletiva, que se interpenetram (HALBWACHS, 2004). A memória individual pode se apoiar na memória coletiva, deslocando-se nela para confirmar parte de suas lembranças ou para cobrir suas lacunas, sem, no entanto, deixar de seguir o seu caminho. Já a memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas.

Segundo esse mesmo autor, para o indivíduo evocar seu próprio passado, ele precisa apelar com recorrência para as lembranças de outros, reportando-se a pontos de referência que existem fora de si mesmo e que são fixados na e pela sociedade circundante. Assim, o funcionamento da memória individual não se realiza sem passar pela memória coletiva, pelos fatos que se tornaram familiar a partir das palavras do grupo ao qual o indivíduo pertence, palco de inúmeros acontecimentos e dos quais se lembra, mas que não foram necessariamente por ele vividos, apenas conhecidos e reconhecidos nos depoimentos, nas narrativas, nas histórias de vida, na voz daqueles que participaram direta ou indiretamente. Esses acontecimentos ocupam um lugar na memória do grupo e quando o indivíduo evoca tais lembranças, é levado a confiar inteiramente na memória dos outros, que não completa ou fortalece a sua, mas que é a única fonte daquilo que ele quer repetir.

Evocar o passado faz, pois, parte da vida do indivíduo e da coletividade. É uma operação, por natureza, múltipla, coletiva, plural, ao mesmo tempo em que é individualizada; é interior e exterior; e embora esteja aberta à dialética da lembrança e do esquecimento a memória é sempre atual, visto que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mantém (DOUEK, 2003).

Neste estudo, conforme procuramos mostrar a seguir, as histórias narradas pelos participantes de terceira geração fazem eco às histórias contadas pelos de primeira e segunda gerações como numa operação coletiva em que o vivido e o ouvido se sobrepõem para (re)construir fatos, costumes, práticas e valores que constituem a herança cultural do grupo. Entre os bens herdados, a língua é, sem dúvida, peça fundamental no processo de historização e de identificação grupal.

### **3 A Colônia do Rio Uv: várias histórias em uma só**

Os recortes de fala que apresentamos a seguir mostram parte das histórias vividas pelos participantes deste estudo que ficaram registradas em suas próprias memórias, muitas delas resgatadas de fatos ocorridos na coletividade. A memória, como já se mencionou anteriormente, é composta por lembrncias vividas, únicas, e por lembrncias de outros, compartilhadas. São, portanto, histórias vividas das quais os próprios indivíduos participaram ou ouviram dizer repetidamente em sua comunidade. É uma espécie de corrente contínua em que se interceptam pensamento e experiência, reunindo similitudes e analogias existentes entre os indivíduos de um mesmo grupo ou de um grupo para outro e que compõem o conjunto de seus traços identitários (HALBWACHS, 2004; DOUEK, 2003). A(s) identidade(s) que um indivíduo ou grupo de indivíduos constr para si tem origem justamente nesta intersecção entre o vivido e o ouvido, isto é, entre a memória individual e a memória coletiva (POLLAK, 1989).

Deste modo, a partir da interlocução entre as memórias individual e coletiva é que pudemos tomar conhecimento de fatos que remontam o processo imigratório que deu origem  Colônia do Rio Uv e, assim, recompor a trajetória histórica dos participantes deste estudo. Tais fatos, vividos e recordados pelos participantes serviram de pistas para que pudéssemos compreender o papel e o lugar da língua alemã naquela comunidade  época da imigração e nos dias de hoje. As falas mostram uma trajetória de luta e perseverncia, permeada por inúmeras adversidades, iniciada ainda na Alemanha – o empobrecimento dos alemães no local de origem, a viagem longa com pouco ou nenhum conforto, dificuldades com a nova língua e os novos costumes, a rudeza do destino final, a falta de apoio do Estado brasileiro, entre muitas outras.

Como mencionado anteriormente, para (re)construir esse percurso recorreremos aos conceitos de memória-lembrncia, memória coletiva e individual (POLLAK, 1989; BOSI, 1994; HALBWACHS, 2004; DOUEK, 2003 entre outros). Semelhante  construção de um mosaico em que as peças vo pouco a pouco se encaixando, neste estudo fatos resgatados da memória dos participantes tais como os motivos da emigração, a vinda para o Brasil, os usos da língua etc. constituem peças únicas.

#### **3.1 A trajetória em direção ao Brasil**

##### **3.1.1 Os motivos da emigração**



Os recortes que se seguem descrevem as razões que levaram os alemães à Colônia do Rio Uvá. Desempregados e sem perspectivas em uma Europa falida, os imigrantes alemães buscaram melhores oportunidades no Brasil. As falas de Peter e Klaus mostram que a crise monetária instalada na Alemanha após a Primeira Guerra Mundial fazia com que a moeda alemã se desvalorizasse a cada hora, o que gerava um alto índice de inflação e resultava em constante empobrecimento da população.

[Recorte 1]	Peter: Os pais da gente vieram solteiros ainda; mamãe veio da Alemanha com onze anos quando saiu de lá, da Alemanha # ela falava assim # que lá, os últimos anos foram muito sofridos ## eles catavam batatinha na terra dos outros para poder viver, por causa da guerra naquela época. E a Alemanha estava muito fraca de poder e de guerra, aí quando eles vieram pra cá, eles vieram pobrezinhos, pobre, pobre mesmo # quando ganhava um mamão de uma pessoa aqui, era a coisa melhor do mundo. (Entrevista A-12, 09/04/2006)
-------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

[Recorte 2]	Klauss: Que dificuldade! ## A Alemanha estava uma pobreza ---: se você fosse comprar uma caixa de fósforos, você falava: 'oh, me dá o dinheiro aí que eu vou trabalhar mais uma hora' e se ele fosse pagar uma hora depois, aquele dinheiro num dava mais para pagar a caixa de fósforos, então era uma situação muito desajeitada para quem viveu numa época anterior. (Entrevista A-22, 17/09/2006)
-------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Somando-se às dificuldades econômicas que assolavam a Alemanha naquela época, as vantagens oferecidas pelo governo do Estado de Goiás como parte de uma política de ocupação de terras devolutas também serviram de motivação em direção ao centro-oeste:

[Recorte 3]	Thora: [...] aí lá em São Paulo ele perguntou... eu era menina..., a minha mãe que contou isso, ela que me contou # nesse tempo eu tinha dez anos, aí ele perguntou pra onde que eles queriam ir, né? Meus pais queriam ir para Santa Catarina, mas esse alemão: 'vamos pra Goiás, lá em Goiás o governo também quer os alemães lá, estão doando terras'. (Entrevista coletiva A-10, 07/04/2006)
-------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Thora evoca uma imagem-lembrança (BOSI, 1994) que tem data e locais certos, isto é, refere-se a uma situação definida, individualizada enquanto que Peter e Klauss se apóiam nos fatos que ouviram de seus pais e que de tão familiares passaram a ser conhecidos e reconhecidos em suas próprias vozes.

### 3.1.2 A vinda para o Brasil

A viagem da Alemanha até o Brasil ficou registrada na memória dos participantes como um fato marcante. Em todas as lembranças evocadas, as dificuldades são salientadas. Financiada pelas próprias famílias que à época

detinham poucos recursos, os imigrantes não podiam almejar nada além da terceira classe no navio, conforme relata Thora.

[Recorte 4]	Thora: Não era navio só de transportes, tinha outros também # tinha até primeira classe, segunda classe e terceira. Nós viemos na terceira classe, né? E era de transporte também, ele parou em todos os portos para vender e comprar # aí a gente podia sair do navio para passear. (Entrevista coletiva A-10, 07/04/2006)
-------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Thora, participante de 1ª. geração, à época com dez anos de idade e hoje com 94, reporta fatos relativos à viagem que compõem a trajetória de sua família e que se juntam a outras vozes de uma mesma história que se repete para todos que se lançaram nessa empreitada imigratória. Grieger<sup>3</sup> (1924 apud BRITO 2002a, p. 165), um imigrante alemão que registrou na forma de diário sua viagem da Alemanha para o Brasil relata:

[Recorte 5]	O navio divide-se em três classes, conforme as finanças de cada um. Na primeira classe, come-se muito bem e a terceira até se esquecem de servir. A maioria de nós é plebeu, e o dinheiro está [estava] em falta.
-------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O relato de Grieger contém fatos que se misturam àqueles vividos e narrados pelos participantes deste estudo, e que dão forma e vida à memória de cada um em particular por meio de uma memória que é todos. São esses e outros fatos que constituem a memória coletiva do grupo.

No recorte 6 a seguir, Thora se vale da memória de sua mãe para lembrar detalhes da vinda para o Brasil. Ao evocar o passado, suas memórias reportam fatos não necessariamente presenciados, mas que foram ao longo dos anos sendo incorporados à sua própria memória. Em outras palavras, as memórias de Thora se interceptam em algum ponto do passado com as memórias de sua mãe, fundindo-se numa só para confirmar suas lembranças ou recobrir hiatos de sua história.

[Recorte 6]	Thora: [...] lá em São Paulo, ele [um compatriota] perguntou # eu era menina # a minha mãe que contou isso, ela que me contou # nesse tempo eu tinha dez anos, aí ele perguntou para onde que eles queriam ir, né? Meus pais queriam ir para Santa Catarina, mas esse alemão disse: 'vamos pra Goiás, lá em Goiás o governo também quer os alemães lá'.
-------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Halbwachs (2004) sublinha que o indivíduo carrega consigo uma bagagem de lembranças históricas que pode ser ampliada por meio da conversação ou pela

<sup>3</sup> GRIEGER, F. *A viagem ao Brasil*. Tradução de Edith Ludwig. 1924. Mimeografado.

leitura, uma espécie de memória emprestada como ocorre com muitas lembranças de infância, que são baseadas na memória compartilhada com os pais durante aquele período. Assim, quando fazemos referência aos nossos primeiros anos de vida, muitas vezes confundimos o que se ouviu dizer dos outros – pais, avós, familiares e pessoas próximas – com as próprias lembranças.

Deste modo, como num mosaico que vai se (re)compondo, peça por peça, a trajetória dos participantes deste estudo vai sendo delineada nesse movimento entre memória coletiva e memória individual. Nos recortes 7 e 8, as falas de Peter e Heinrich registram suas percepções acerca do deslocamento até a Cidade de Goiás, dando continuidade à narrativa de Thora:

[Recorte 7]	Peter: Quando eles vieram da Alemanha, eles vieram de navio; levaram muitos dias, mais de mês praticamente de navio. Aí chegou no Rio de Janeiro, pegaram trem de ferro até Ipameri ## mas foi muitos dias # aí as coisas que tinham trazido da Alemanha não tinha jeito de vir tudo # aí, para não passar fome, eles vendiam aquelas coisas da Alemanha, panelas, essas coisas assim, o povo interessava comprar, né? Porque era da Alemanha, aí eles vieram até perto de Ipameri # é a última estação de trem de ferro e de lá até Goiás Velho vieram de carro de boi.
[Recorte 8]	Heinrich: Então de lá fomos transportados em carro de boi, quer dizer, ajuda de carro de boi, porque a maioria foi a pé até Goiás, [...] vieram apenas três carros de boi, sendo um para comitiva, um para transportar o pessoal e outro para bagagem. E essa demorou foi # parece que treze ou quatorze dias até Goiás [...].

### 3.1.3 E as dificuldades continuaram...

Sem condições de ir para o sul do país, conforme alguns almejavam (recorte 15), o grupo acolheu a oferta do governo de Goiás em conceder gratuitamente cerca de 10 a 50 hectares de terra por família, além da promessa de atender às necessidades imediatas dos imigrantes – construção de moradias, aquisição de sementes e instrumentos destinados à lavoura, assistência médica, alimentação etc. No entanto, as vantagens oferecidas não se concretizaram conforme o prometido e as dificuldades se agravaram na Cidade de Goiás. Desde o início os imigrantes em Goiás foram vítimas de uma política migratória equivocada e mal orientada. O núcleo colonial foi implantado em um uma região bastante isolada e inóspita, distante 50 quilômetros da cidade mais próxima, Goiás (BRITO, 1992; WASCHECK, 1993). Esse fato acarretou uma série de problemas para os colonos, pois como

afirma o professor Fritz Köhler,<sup>4</sup> a distância dos centros de consumo e falta de transporte adequado dificultavam o escoamento da produção.

[Recorte 9]	Fritz Köhler: Também um outro erro [foi] a colocação # a colocação de uma colônia deve ser perto de um centro de consumo, senão, o trabalho dos colonos que não tem como esgotar os seus produtos, este é um caso também de Goiás, da Colônia de Uvá, essa foi uma dificuldade [...] (Entrevista B-02, 01/05/1978)
-------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Para aqueles que vinham de regiões urbanas como Berlim, enfrentar as adversidades do local – mata densa, animais selvagens, clima totalmente diferente, doenças etc. – foi uma experiência traumatizante, conforme relata Klauss.

[Recorte 10]	Klauss: Não, realmente foi difícil, muito difícil. Você tá lá num local civilizado [Alemanha] e de repente cai num meio de uma selva daquela lá, sabe? O que tinha muito era peixe, água e mata. (Entrevista coletiva A-07, 24/01/2006).
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

O fato de que muitos não tinham inclinação para a agricultura ou não estavam habituados com o manejo da terra que encontraram na região, além de outros fatores – clima adverso, solo pedregoso, falta de recursos para combater as pragas, colheitas insatisfatórias – agravou a situação desoladora dos colonos, levando alguns a retornarem para a Alemanha ou a migrarem para outras regiões do Brasil (BRITO, 1992). Além disso, havia as questões de saúde. A assistência médica prometida aos colonos também não se concretizou. Vítimas de várias doenças como tuberculose, verminoses, malária, leishmaniose<sup>5</sup>, entre outras, os colonos eram obrigados a se dirigirem à Cidade de Goiás, muitas vezes carregando os doentes em redes, ou então morriam antes mesmo de alcançarem qualquer assistência médica.

[Recorte 11]	Louis: Então foi terrível ## adoecia uma pessoa aqui tinha que carregar na rede daqui até Goiás. Nem! Nem gosto de lembrar esse tempo não # foi difícil demais... (Entrevista A-02, 22/01/2006)
--------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

[Recorte 12]	Heinz: Muitos adoeceram, faleceram, como o meu pai, por exemplo, # faleceu de crupe [...]. (Entrevista A-03, 22/01/2006)
--------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A memória coletiva que se evidencia na maioria dos recortes até aqui apresentados se coloca como uma corrente contínua de pensamento que retém do passado aquilo que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo,

<sup>4</sup> Entrevista concedida a Maria Helena de Brito em sua pesquisa de mestrado.

<sup>5</sup> Doença de pele conhecida também como ferida brava ou úlcera de Bauru.

neste caso os momentos vividos na Colônia ou dos quais se ouviu falar ao longo da existência. E embora Thora, Heinz, Edith, Louis, Peter, Klauss e todos os outros tenham suas próprias histórias, onde estão registrados seus fatos pessoais, todos os participantes reportam fatos e eventos que têm um fundamento comum. A motivação para a emigração, as dificuldades enfrentadas durante a viagem da Alemanha até a Colônia do Rio Uv, as adversidades do local, as doenças são marcas inscritas na memória do grupo e que foram ganhando vida em suas narrativas, muitas vezes de forma intensa, com emoção, a exemplo de Thora que não raro narrava suas lembranças com lágrimas nos olhos; outras vezes, de forma impessoal, na condição de ouvinte, de quem não viveu os acontecimentos, mas que ouviu de seus pais ou outros membros da comunidade.

Até aqui procuramos reconstruir parte da história da Colônia do Rio Uv com o propósito de dar visibilidade a um contexto de imigração singular, que diferentemente do que aconteceu em outras regiões, ficou relegado  própria sorte. Grosso modo, a falta de uma política imigratória consistente por parte do governo do Estado bem como as adversidades enfrentadas no local foram responsáveis pela dispersão da comunidade. Muitos morreram por falta de assistência; outros retornaram para Alemanha porque não suportaram a falta de condies adequadas de vida; e outros migraram para outras regiões do Brasil ou localidades de Goiás. É nesse cenário que procuramos compreender o lugar da língua alemã hoje na comunidade.

### **3.2 O lugar da língua na memória do grupo**

A situação inicial dos alemães na Colônia do Rio Uv é interessante porque mostra como a comunidade tornou-se  época da imigração uma espécie de “ilha linguística”<sup>6</sup>. O local distante para onde foram destinados e o acesso difícil a regiões povoadas por brasileiros naquela época impôs a eles uma situação de isolamento que proporcionou condies para que pudessem por algum tempo viver em um universo predominantemente germânico, embora estivessem dentro do cerrado

---

<sup>6</sup> Uma ilha linguística é uma comunidade linguística resultando da assimilação cultural impedida ou retardada. Constitui-se numa minoria linguística separada de sua área principal e cercada por uma sociedade majoritária de aspectos étnicos e linguísticos diferentes, da qual se isola, ou  isolada, por uma disposição sócio-psicológica a qual motiva a separação.

goiano. Naquele tempo, conforme mostra o recorte 13, a língua alemã predominava em praticamente todos os domínios de uso, inclusive na escola.

[Recorte 13]	Judith: Quando eu vim pra cá só tinha mato # de Goiás para cá acho que só tinha dois moradores. [...] Muitos anos só se falava alemão # era só alemão, depois um brasileiro entrou aí pra trabalhar, aí fomos aprendendo [português] depois. (Entrevista coletiva A-4, 22/01/2006)
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Aos poucos, à medida que “o continente ia invadindo a ilha”, o alemão passou a ceder espaço para o português, não só pela necessidade de falar português, ou melhor, de não falar alemão (conforme mostra o recorte 14), mas também pela falta de uma política linguística que pudesse incentivar a manutenção do alemão ao longo das gerações.

[Recorte 14]	Edith: [...] depois o governo mandou uma professora brasileira, então teve que aprender tudo de novo # em português [...] porque só se falava alemão # nas casas, nas ruas... porque era uma colônia, era um povoado [...] só lá na extremidade tinha uns brasileiros, os autóctones, # agora, lá, no núcleo era só de alemães. (Entrevista coletiva A-07, 24/01/2006)
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Além disso, outros fatores contribuíram para o deslocamento do alemão na comunidade. Durante a 2ª Guerra Mundial, assim como em outras partes do Brasil e do mundo, os alemães, em Goiás, sofreram pressões tanto da população em geral como também por parte das autoridades locais (BRITO, 1992; WASCHECK, 1993) pelo fato de que os alemães indiscriminadamente passaram a ser associados ao nazismo e às suas práticas hediondas. Peter recorda a onda de repressão aos alemães que vigorou em todo o Brasil durante a segunda guerra mundial. Tal repressão se deu, sobretudo, na forma de apreensão de armas e confiscos de publicações na língua alemã, além de uma suposta proibição de falar a língua região, como mostra o recorte 15.

[Recorte 15]	Peter: Alguns falavam que não podiam mais falar em alemão em casa e nem na cidade de Goiás # e teve também a busca na casa dos alemães # é verdade, eu ouvia eles falarem # teve busca na casa dos alemães, revirando tudo, as cartas da Alemanha levaram todas, as cartas eram censuradas mesmo, toda carta que vinha da Alemanha era aberta e depois fechada # para ver o que estava comunicando. Também tinha uns que eram contra os alemães, eles chamavam Quinta-Coluna, eles eram contra os alemães, as pessoas falavam isso # falavam que os alemães tinham muitas armas guardadas, # aí vieram para fazer esse levantamento. Eu sei porque eles vieram bater na porta do meu tio e carregaram o que queriam carregar, tudo quanto é coisa escrita em alemão, eles tiraram. Tomaram os livros em alemão # tomaram muitos, tiraram tudo que puderam carregar. As cartas eles levaram também, levaram o armamento todinho que eles tinham, porque naquele tempo
--------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	todos eles tinham uma espingarda para poder se livrar dos bichos, pra matar bicho na roça, essas coisas.
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------

Como se pode observar, ainda estão vívidos na memória de Peter fatos que a história registra, seja por meio da memória coletiva ou de sua própria. O confisco dos materiais impressos, o medo, a proibição do uso da língua alemã, o rótulo de “inimigos”, constituem-se em elementos de uma história que é ao mesmo tempo individual e coletiva. É individual porque é parte da memória de cada um em particular, e é também coletiva porque entrecruza com outras memórias em algum ponto da história.

No recorte 16, Elin recorda que naquela época a língua alemã passou a ser um símbolo do nazismo, tendo sido banida na cidade, embora na Colônia continuasse sendo usada.

[Recorte 16]	Elin: Durante a guerra, sabe como é... não podia falar língua estrangeira, porque o alemão de qualquer maneira era nazista ## se era alemão era nazista # era classificado como nazista. Naturalmente, o regime do Hitler provocou muita antipatia e receio também, e antipatia para o próprio povo alemão, apesar do governo ser um e o povo outro. [...] Lá [na Colônia, durante a 2ª Guerra Mundial] não tinha vigilante nenhum, então se falava em alemão, só em alemão.
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

As lembranças individuais de Elin fazem coro com as de Peter, Edith e de tantos outros, ao mesmo tempo refletindo e refratando a memória coletiva do grupo. São memórias (re)construídas a partir de fatos vividos e ouvidos, cuja força advém do conjunto das lembranças comuns e que apoiadas entre si compõem a história do grupo. A memória é um dos elementos de preservação da herança histórica de um grupo, pois por mais estável que seja nenhum grupo tem sua perenidade garantida enquanto que a memória pode sobreviver a seu desaparecimento (POLLAK, 1989).

A discriminação, o medo, a insegurança, a hostilidade e o desconforto, conforme recordam Elin e Klaus contribuíram para que o alemão fosse pouco a pouco deixando de ser usado para se tornar mais um elemento da memória do grupo.

[Recorte 17]	Ent.: Os filhos da senhora não falam alemão? Elin: Falam um pouco (...), mas por causa da vizinhança a gente deixou de falar # porque sempre criava atrito, é nazista, né? # de certo modo era uma discriminação, mas tudo passa, né?
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

[Recorte 18]	Klauss: Depois da guerra a gente ficou na mira de adversários, então a gente já ficava meio temeroso assim de falar em alemão, né?
--------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

A imagem e o prestígio do grupo na sociedade são fatores importantes para a vitalidade de uma língua. Vários autores (GROSJEAN, 1982; ROMAINE, 1994; BAKER, 1997) mostram que grupos minorizados que gozam de prestígio na sociedade majoritária têm mais chances de preservar a língua de origem do que aqueles que têm sua imagem, por exemplo, associada a algum fato sócio-histórico considerado negativo, como foi o caso dos participantes deste estudo. As atrocidades causadas pelo nazismo, de grande repercussão em todo o mundo, geraram uma imagem do mau que passou a ser associada genericamente a todo e qualquer cidadão alemão, tornando-o, em consequência, objeto de depreciação. Falar a língua alemã em público passou a ser uma forma de denunciar uma imagem da qual queriam (ou era preciso) se dissociar. Em outros termos, a ideologia racista nazista levou os imigrantes da Colônia do Rio Uvá a se sentirem ameaçados, “incomodados” em usar a língua alemã, e acabaram por sufocá-la, confiná-la a domínios restritos de uso até abandoná-la quase que completamente.

Muito pertinente ao contexto em tela é a seguinte observação “a língua é a chave para o coração de um povo. Se perdemos a chave, perdemos o povo” (ENGHOLM, 1965 apud ADEGBIJA, 1994, p. 139)<sup>7</sup>, pois expressa o sentimento de perda do qual falam Heinz e Peter nos recortes 19 e 20 respectivamente. Há certa melancolia na fala de ambos quando se referem ao alemão como uma língua morta:

[Recorte 19]	Heinz: Então, para evitar a perda assim numa hora para outra, a gente tem que usar # a gente sente aquilo # de ser alemão, mas aquilo vai morrendo aos pouquinhos, pouquinhos..., a gente pensa que não vai morrer # mas quando vê acabou, acabou... e a gente não sabe como... Ent.: Então vocês sentem que a língua está morrendo com o passar desses anos? Heinz: É ## ela já morreu, e também um pouco da gente... (Entrevista A-4, 22/01/2006)
--------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

[Recorte 20]	Peter: [A língua alemã] até que tem importância # só que a gente num continuou a usar ela mais... pior, a gente deveria ter usado ela mais com os filhos também, mas a gente foi muito sem # sem fôlego # num sei a palavra não # agora é só na lembrança...de quando a gente falava lá na Colônia... (Entrevista A-19, 24/06/2006)
--------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Retomando o conceito de memória (POLLAK, 1992), pode-se inferir que as lembranças de Heinz e Peter (e de todos os outros) acerca da língua alemã ou do

<sup>7</sup> “Language is the key to the heart of a people. If we lose the key, we lose the people” (EVA ENGHOLM, apud ADEGBIJA, E., *The context of language planning in Africa: an illustration with Nigeria*. In: PÜTZ, M. (Org.). *Language contact language conflict*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994, p. 139)



tempo em que se falava o alemão na comunidade são elementos constituintes do sentimento de identidade e lealdade à cultura nacional alemã. Esse sentimento de germanidade é expresso por Heinz com emoção e palavras fortes quando afirma que a língua alemã já morreu e com ela “também um pouco da gente”, isto é, uma parte de si, de uma imagem que construíram como “povo alemão”. Peter, de modo semelhante, não encontra palavras para lamentar o fato de que a língua “agora é só na lembrança... de quando a gente falava lá na Colônia...”

Por outro lado, são essas lembranças que ainda hoje mantêm a história e a imagem do grupo como “os alemães da Colônia do Rio Uvá”. Embora em desuso, a língua alemã é parte do discurso de pertencimento a um sistema de representação de uma cultura nacional, capaz de gerar sentimentos de identidade e lealdade à língua e cultura alemã (HALL, 2006), marcados tanto nas falas de Peter e Heinz nos recortes anteriores quanto na de Elin pela oposição “nós, os alemães” x “eles, os caipiras”, quando se refere ao português rural aprendido na região:

[Recorte 21]	Elin: Lá na Colônia entre os alemães a gente conversava em alemão, e o português era dos caipiras, “nóis vai, nóis foi”, o português que nós aprendemos lá, quando pequenos, era esse, dos jeca-tatu, com os sertanejos [...], mas em casa era só o alemão e com eles a linguagem dos jeca-tatu. (Entrevista A-16, 23/06/2006)
--------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Tais representações parecem fazer jus à construção simbólica da “narrativa da nação” (Hall, 2006, p. 52), contada e recontada, neste caso, a partir de sentimentos, fatos e acontecimentos vividos ou ouvidos na comunidade. Com ênfase nas origens, a identidade nacional alemã parece estar lá adormecida na memória do grupo assim como a língua à espera de ser resgatada.

### **Considerações finais**

Buscamos neste estudo apresentar um recorte da história de um grupo de imigrantes oriundos de várias regiões da Alemanha que em 1924 se instalou às margens do Rio Uvá no cerrado goiano. Apoiados no conceito de memória (POLLAK, 1989; BOSI, 1994; HALBWACHS, 2004, entre outros) procuramos identificar o status da língua alemão nos dias de hoje na comunidade bem como os fatores que contribuíram para que essa língua tenha adquirido tal status. Por uma questão de espaço, os recortes apresentados ilustram uma pequena parte dos dados originados no contexto em tela (Cf. SILVA, 2007).

A pesquisa etnográfica no local mostrou entre outras particularidades que a comunidade é hoje composta por pequenas propriedades rurais e está voltada para a pecuária e a agricultura de subsistência. A sua população é estimada em aproximadamente 300 pessoas, sendo que destes, apenas alguns são alemães ou os seus descendentes, e os demais são brasileiros que pouco a pouco foram se estabelecendo na região. Essa redução no número dos imigrantes alemães se deu em razão, sobretudo, (i) do retorno precoce para a Alemanha ou deslocamento para outras partes do Brasil das famílias que não se adaptaram ao clima e a rudeza do local; (ii) do falecimento, ao longo dos anos, de grande parte dos alemães que lá se instalaram em razão das doenças e da dificuldade de acesso a centros desenvolvidos para buscar tratamento adequado; (iii) da falta de novos movimentos imigratórios que pudessem dar continuidade àquele ocorrido em 1924 e, assim, fortalecer a presença dos alemães na região; (iv) a necessidade de usar a língua portuguesa nas relações com a comunidade brasileira circundante.

A combinação desses fatores acabou provocando o deslocamento da língua alemã da condição de língua em uso nos anos iniciais da imigração para a condição de língua herdada “adormecida” na memória dos remanescentes imigrantes que no passado constituíram a comunidade do Rio Uvá. É percebida como uma língua herdada porque apesar de estar em desuso na comunidade ainda se faz presente na memória coletiva do grupo como um elemento de identificação nacional, um traço de germanidade que os une à nação de origem e que marca a diferença entre “os civilizados” que falavam alemão e os sertanejos que falavam a língua dos “jeca-tatu”. É adormecida porque está em algum canto da memória desses indivíduos, podendo ser resgatada a qualquer momento para marcar uma identidade percebida como biológica – “que está no sangue” – ainda que no plano do imaginário.

### **Referências bibliográficas**

- BAKER, C. *Fundamentos de educación bilíngüe y bilingüismo*. Madrid: Ediciones Cátedra, 1997.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRITO, M. H. O. *A Colônia Alemã do Uvá: uma tentativa de colonização em Goiás*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1992.
- BRITO, M. H. O.. A viagem ao sertão: memória, cultura e imigração. *Fragments da Cultura Goiana*, Revista da Universidade Católica de Goiás, v. 12 (especial), p. 161-170, 2002.

- CRUZ, F. M. *Uma perspectiva enunciativa das relações entre linguagem e memória no campo da neurolinguística*. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.
- DOUEK, S. S. *Memória e exílio*. São Paulo: Escuta, 2003.
- EDEGBIJA, E. The context of language planning in África: an illustration with Nigéria. In: PÜTZ, Martin. *Language contact language conflict*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1994. p. 139-164.
- FREITAS, L. G. *Conexão Jaraguá-Danbury: língua e identidade de imigrantes brasileiros nos Estados Unidos*, 2003. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás.
- GROSJEAN, F. *Life with two languages: an introduction to bilingualism*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução Lais Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.
- HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. (Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro), Rio de Janeiro: DP&A, 1992.
- POIRIER, J.; CLAPIER-VALLADON, S.; RAYBAUT, P. *Histórias de Vida: teoria e prática*. Oeiras, Portugal: Celta Editora, 1999.
- POLLAK, M. *Memória, esquecimento, silêncio*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.
- QUEIROZ, M. I. P. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In: VON SIMSON, O. L. *Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil*. São Paulo: Vértice - Editora Revista dos Tribunais, 1998.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: a formação e o sentido brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- ROMAINE, S. *Language in society: an introduction to Sociolinguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- SILVA, Sidney S. *Alemão, uma língua em desuso: relatos de remanescentes da Colônia do Rio Uvã*. 2007. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- THOMPSON, P. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.